

Associação Quilombola Adelaide Maria Trindade Batista
Associação Quilombola Castorina Maria da Conceição
Associação Quilombola Tobias Ferreira

Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

SÉRIE QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL

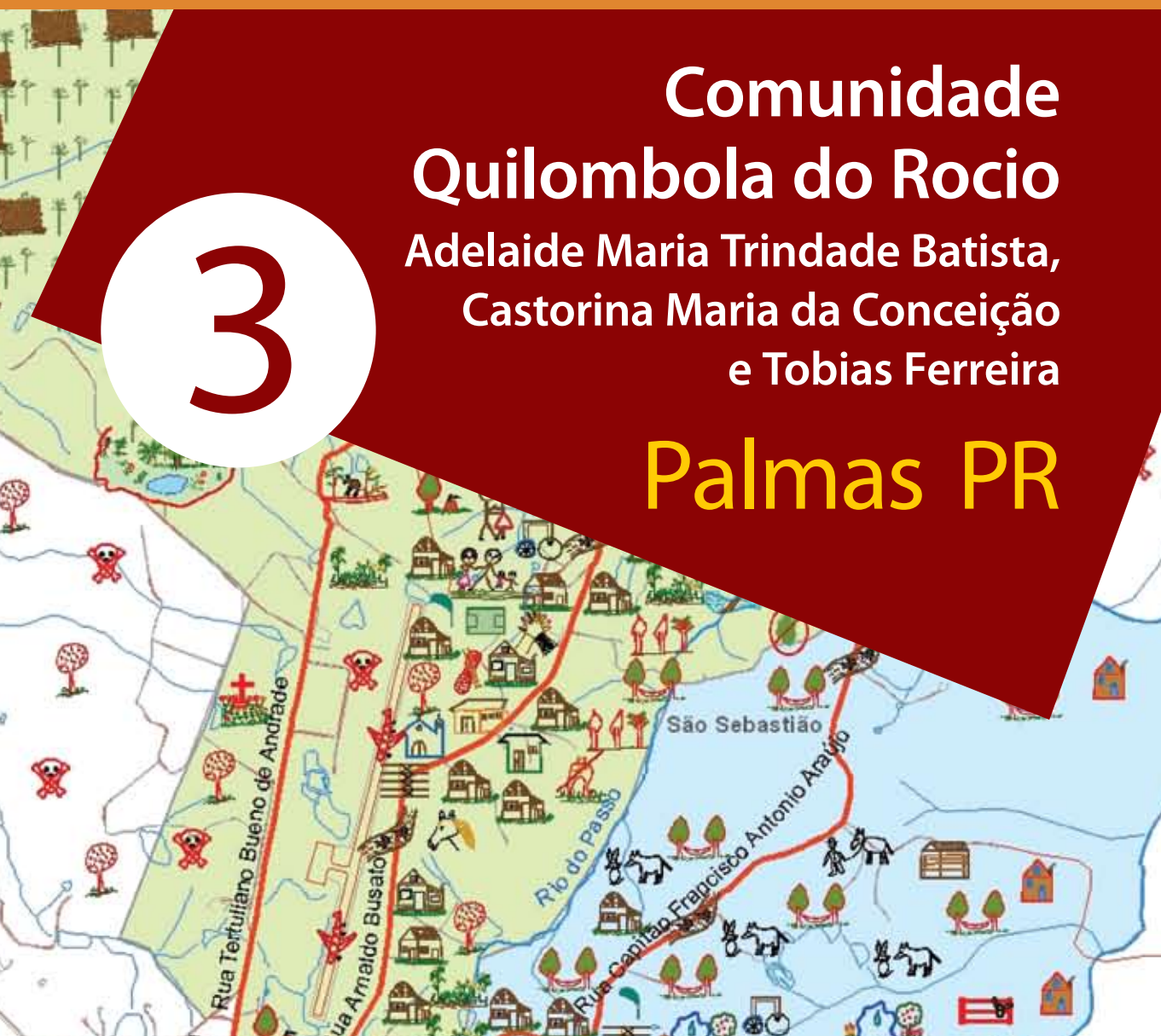


3

Comunidade Quilombola do Rocio

Adelaide Maria Trindade Batista,
Castorina Maria da Conceição
e Tobias Ferreira

Palmas PR



ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ADELAIDE MARIA TRINDADE BATISTA

Presidente Alcione Ferreira da Silva
Vice-presidente Jorge Luiz Souza Santos
1º Tesoureira Maria Isabel Cabral da Silva
2º Tesoureira Leidi Dayane Batista Lima
1ª Secretária Rosemary F. S. Câmara
2ª Secretária Erinéia dos Santos Silva
Conselho Fiscal Maria Arlete Ferreira da Silva, Marli Cabral da Silva, Patrícia Rodrigues, Terezinha de Fátima dos Santos Peroni, Vanderlei Silveira Santos

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA CASTORINA MARIA DA CONCEIÇÃO

Presidente Cleni Araldi
Vice-presidente Rosane Ferreira da S. Fortunato
1º Tesoureiro Ademir da Silva Fortunato
2º Tesoureiro Flavio da Silva Fortunato
1ª Secretária Neide Ap. Nunes Silveira
2ª Secretária Hermínio da S. Fortunato
Conselho Fiscal Roberlei dos Santos Fortunato, Rodineli dos Santos Fortunato, Maria Rosenilda Ferreira, Vanuza Maria Santos, Roseli Ferreira Batista, Katiuska Araldi, Castro da Silva Fortunato

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA TOBIAS FERREIRA

Presidente Joarez de Jesus Ferreira
Vice-presidente Eduar Joelmir Ferreira
Tesoureiro Ari de Jesus Ferreira
1ª Secretária Daiane B. Ferreira
2ª Secretária Edinéia Ap. Ferreira
Conselho Fiscal Aríete T. Ferreira, Rosane T. Ferreira, Vicente Ferreira

Coordenação do PNCS

Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA-CESTU/UEA)
Rosa Acevedo Marin (UNAMAZ - NAEA - UFPA)

PNCS Laboratório/ Guarapuava

Roberto Martins de Souza – IEEP/CEMPO
José Carlos Vandresen – CEMPO

Equipe de pesquisa

José Carlos Vandresen
Mariluz Marques

Apoio técnico

Adriana Pidorodeski
Daniele de Fátima dos Santos
Kelly Linai da Costa
Bárbara de Oliveira Miranda
Bruno Henrique Costa Toledo

Fotografias

Taisa Lewitzki
José Carlos Vandresen
Arquivos fotográficos da comunidade



Relação dos Participantes das Oficinas: Marli Cabral da Silva, Alcione Ferreira da Silva, Maria Arlete Ferreira da Silva, Rosemary da Silva Câmara, Maria Aparecida Souza Santos, Terezinha S. Santos Peroni, Patrícia Rodrigues, Rui Barbosa da Silva, Sonia Regina Boese da Silva, Elen Paloma S. Peroni, Ematyelle dos Santos Peroni, Valuir Ferreira da Silva, Luciane Aparecida da Silva, Thereza Ferreira da Rosa, Maria Isabel Cabral da Silva, Cleni Araldi, Rosane Ferreira da Silva, Katiuska Araldi Rodrigues, Everton Rodrigues, Hermínio Nunes Fortunato, Pedrina Fortunato, Esni Siqueira Fortunato, Ademir Fortunato, Flavia Maria da Silva Fortunato, Waldomiro Fortunato Nunes, Maria Trindade Batista, Flavio Fortunato, Joarez de Jesus Ferreira, Neide Aparecida da Silveira, Joanielso de Lima, Roberlei Fortunato, Joel Tadeu Batista, Fiama dos Santos Peroni, Ana Claudia Moreira e Savana dos Santos

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: comunidade quilombola do Rocio – Adelaide Maria Trindade Batista, Castorina Maria da Conceição e Tobias Ferreira - Palmas, Paraná / Coordenadores: Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin; autores, José Carlos Vandresen, Mariluz Marques.– Palmas, PR : Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil / UEA Edições, 2010.

12 p. : il. ; 25 cm. – (Quilombolas do Sul do Sul do Brasil; 3).
ISBN: 978-85-7883-083-0

1. Comunidade Quilombola – Palmas, Paraná. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo III. Vandresen, José Carlos, IV. Marque, Mariluz. V. Série.

CDU 301.185.2(816.22)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/5

Mapa e pontos

Claudia I. S. dos Santos

Projeto gráfico e editoração

Ernandes Fernandes – CASA 8

Nossa comunidade é um quilombo, então nós somos quilombolas



Juvina Batista Ferreira, nora de Tobias Ferreira

Pra mim é um orgulho ser quilombola, porque ser quilombola é fazer parte da história do nosso país, do Brasil, é ser da geração de Adelaide né, de uma luta que começou lá em 1836 nessas comunidades e, é hoje um sinal de resistência. Nós estamos aqui resistindo, então pra nós ser quilombola é orgulho, é fazer parte da história desse país e dessa nossa comunidade palmense também. **Alcione Ferreira da Silva, 48 anos**

Ser quilombola é fazer parte de uma família tradicional negra, uma família que há muito tempo, uma família tradicional, uma família negra né, uma família que há muito tempo deixou as suas culturas e tudo no passado né, e que hoje nós tamo revivendo, tamos em busca delas novamente, ser quilombola é nois ter orgulho de ser, de fazer parte também desse povo, que nem da família de Adelaide Maria Trindade, família Tobias, as outras famílias também que se encontram conosco, que também tem orgulho também de ser quilombola, não é pela cor negra, mas é pela cultura que nós temos do passado que podemos deixar pros nossos filhos. **Joanielson de Lima, 50 anos**

Dizer que ser quilombola é resgatar os antepassados nossos, os escravos quando vieram aqui pro nosso município, e dizer que tamo resgatando os nossos direitos né e é um orgulho pra nós levar o nome quilombo. **Hermínio Nunes Fortunato, 53 anos**

O meu orgulho maior é ser quilombola né, porque antigamente a gente não tinha muito acesso na cidade com o pessoal branco, a gente chegava nos mercado aonde a gente trabalhava já ficavam olhando a gente de um jeito diferente, mais o pessoal tão reconhecendo que nós temos os nossos direitos né. **Esni Siqueira Fortunato, 50 anos**

Eu herdei esse nome esse sobrenome dessa família, sou criada de Antônio Fortunato e Nair Fortunato e hoje é um motivo de alegria pra nós, nós pode rever o nosso antepassado sabe que nós não tamo esquecido por esse Brasil inteiro né, que estamos renovando a nossa identidade, que nós possa com orgulho levanta a nossa bandeira de quilombola. **Neide Aparecida Nunes Ferreira, 60 anos**

Gosto de ser quilombola e lutamos pela igualdade social, pela nossa cultura por tudo que temos direito. **Cleni Araldi, 45 anos**

A gente tá resgatando aquela cultura que eles deixaram no passado né, então, é isso que nós entendemos que ser quilombola é o resgate das descendências antigas que nós temos pra ser quilombola. **Joarez de Jesus Ferreira, 52 anos**

Depois do reconhecimento quilombola conquistamos a Escola Estadual Quilombola de 5ª a 8ª, a Escola Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira, que levou o nome da minha vó. O que ela tem de diferente é a educação, por exemplo, agora foi formulado o Plano Político Pedagógico com a educação quilombola, resgatando a história da comunidade e a cultura da comunidade, e essa



Crianças da comunidade

escola tem por obrigação de dar essa educação agora para as crianças, ensinando e resgatando a história né, então, a educação tá incluindo essa educação quilombola no Plano Político Pedagógico, assim como nos currículos escolar, a história da África, a história, porque tem que saber a história da África, depois quando os negros vieram pro Brasil, daí história do nosso Brasil, a história da nossa Palmas, da nossa cidade, depois a história da nossa comunidade, então, nessa escola ela tá, essa educação é interdisciplinar, em todas as disciplinas tem que inclui a educação quilombola. **Maria Arlete Ferreira da Silva, 65 anos**



A integrante da comunidade e educadora Marli ao lado da placa da Escola Quilombola, conquistada pela comunidade

Os escravos chegaram de a pé, vieram se escapando de uma guerra



Imagem de São Sebastião, padroeiro da comunidade de Adelaide e os painéis de ferro pertencentes a José Ferreira, lanceiro negro da Guerra do Paraguai e Farrapos

Pois essa nossa comunidade, aqui no nosso, no meu modo de entendê, deve tê quase uns 200 ano, porque aqui veio minha vó, viveu a vida inteira aqui, daí minha vó faleceu com quase 100 anos, daqui da comunidade, daí minha mãe veio também falecer, quase também 100 anos, então a comunidade é muito antiga. A vó se chamava Castorina Maria da Conceição, e a mãe era Nair Fortunato Nunes, então a comunidade desde aquilo ali ficou tudo vida. Minha vó veio de fora, minha vó veio com a minha mãe, era cruza de paraguaio, índio e brasileira, então ela nasceu aqui, e a vó veio de fora, então a vó veio... eu não posso dizer. Porque a finada vó não era de conta muita história pra nós, então ela não contava direto, mas ela tinha raça de brasileiro com africano. **Waldomiro Fortunato Nunes, 74 anos**

Quando chegaram as primeiras expedições eles tavam vindo da Guerra dos Farrapos e pegaram as primeiras expedições que tavam vindo pra cá explorar os campos de Palmas. E esse panelão, que minha vó sempre contava, é que quando eles paravam pro almoço era feito nesse panelão, era o arroz e o charque porque era bastante que vinham nessas expedições e minha avó ficou com esse panelão. **Maria Arlete Ferreira da Silva, 65 anos**

Sou bisneta da Maria Casturina, o que eu sei é que os escravos chegaram de a pé, uns de cavalo, burros, cargueiro, uns caminhavam um pouco de cavalo outros de a pé, iam trocando, é o que sei. Eles vieram se escapando de uma guerra lá pro lado de onde eles tavam, do jeito de Guaruapuava, do jeito desses lado aí que eles vieram, quando a tia Adelaide chegou já tinha escravo, ela foi a segunda, quando ela chegou tinha umas outra aí, mas, eu não sei bem né, quem que era. Tinha bastante negro, tinha uns negro que moravam em Pitanga, tinha uns que vieram do jeito de Ponta Feroz de Santa Catarina, que se instalaram pra se esconde, que já eram negros que tinham fugido da senzala. Quando os escravos foram libertados uma parte ficou aqui mesmo, outra parte foram embora pra algum lugar, alguma fazenda, outros se foram pra algum lugar que a gente nem sabe mais. **Maria Trindade Batista, 75 anos**



Sr Antonio Fortunato e Sra Nair Fortunato, fundadores do Bairro Fortunato, descendentes da Castorina Maria da Conceição



Casa de Alcides Pimpão

Cada um procurou um espaço pra poder saí da escravidão



Integrantes das comunidades discutindo a elaboração do croqui de delimitação do território

Antigamente tudo ligava um só, tudo, tudo era um só, então se saía daqui, ia lá pro Tobias, ia lá pro São Sebastião, por tudo a parte, e ninguém dizia: não aí não pode passa né. Então podia saí, 'vortiá' suas criação, saí caçar, qualquer coisa, podia saí por tudo as parte. As pessoas que são os mais antigo, tudo a vida viviam só num lugar, mudança era muito pouco, que daí tinha esses terreno que nós, sempre falamos aí, que saía a maioria, era tudo... tudo pertencia a família inteira, tudo da família... Rocio geralmente vinha a ser uma comunidade de preto, por isso tudo mundo conhece Rocio, não é, então fico esse Rocio, Rocio, porque era comunidade. Porque isso aí é o que eu estou dizendo, de pouco, desde o que eu entendi, tudo dizia: Não... Vamos no Rocio, vamos no Rocio e Rocio ficou. Então

até hoje é o Rocio. Hoje, muita gente que chega, onde que fica tal comunidade? Então não sei, e o Rocio, há o Rocio é ali em tal lugar. Muito conhecida, conhecida desde o tempo de criança é Rocio, então muitos dizem: Lá é só dos preto?... Por sinal, dividindo tudo aí, porque de tudo num só, porque antes na prefeitura havia um levantamento do território do bairro inteiro, de tudo as comunidade, desde pegando o quartel, até lá na... Das antiga me lembro de tudo... é as três um só, a parte que eu to lhe falando das comunidade, eu acho que a maior reunião, era lá na fazenda do Pitanga, que era lá na fazenda Pitanga, onde lá tem tudo que era a reunião da pretaiada era lá, era lá... E que daí que nós conhecemos tudo a vida, que tivemos mais conhecimento, era do rio pra cá tudo, do rio Caldeira... É tudo faz, faz tudo o espaço inteiro, é esse aí. ... É, fazia as reunião como tem ainda em muitos lugar, tinha tudo as localização deles que viveram a vida inteira, e daí o resto aqui... Trabalhando com taipas de pedra, como tem a fazenda lá do Pitanga, que é só pedra, lá tem tudo ainda, a mostra. É isso mesmo. Onde tinha a escravidão de tronco, o galpão da pretaiada. Tudo lá, era a chefia... Era da escravidão. Cada um procura um espaço pra poder saí da escravidão, porque daí já tinha terminado. Daí cada um foi pegando sua parte e foi ficando. **Waldomiro Fortunato Nunes, 74 anos.**

Era dividido em núcleos familiares, não tinha divisão na terra, mas cada um tinha seu núcleo, Fortunato, Lima, Batista, Santos, Silveira, Silva e Ferreira. **Marli Cabral da Silva, 44 anos**

Agora a gente aprendeu a ir em busca desses direitos

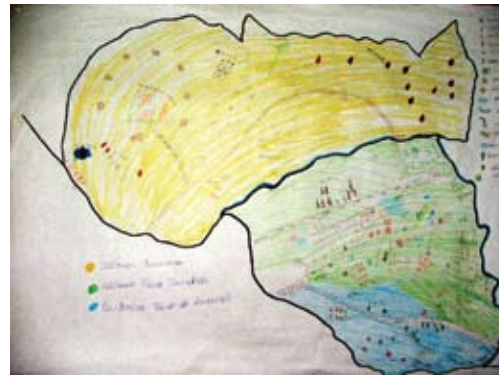
- Agilidade na elaboração do relatório técnico do Incra para Titulação do Território;
- Transporte coletivo para a Comunidade Tobias e Castorina;
- Creche, Quadra de esportes e PSF- Posto de Saúde da Família para as comunidades Tobias e Castorina;
- Construção do Prédio da Escola Estadual Quilombola;
- Saneamento Básico;
- Casas para os quilombolas que ainda não possuem;
- Construção de um telecentro;
- Luta para que o decreto 4887/2003 vire Lei;
- Construção de lei estadual e leis municipais para os quilombolas garantir o reconhecimento e uma política pública específica.
- Que o Estado do Paraná assuma a diversidade étnica e social desenvolvendo junto com as comunidades uma Política Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais.
- Fazer com que o município assuma responsabilidade com os quilombolas.

Houve avanço para as três comunidades...

- Organização dos Estatutos Quilombolas;
- Construção de escolas municipais na comunidade de Adelaide;
- Posto de Saúde – PSF – Médico da Família e agentes na comunidade de Adelaide;
- Energia elétrica e água encanada para as comunidades;
- Pavimentação com pedras irregulares em algumas ruas das comunidades;
- Implantação de creche em duas escolas;
- Recebimento das Certidões de Auto-reconhecimento para as comunidade emitidas da Fundação Palmares;
- Construção da Igreja e da sede da associação de moradores na Castorina;
- Declaração de Utilidade Pública municipal das associações;
- Implantação Escola Estadual Quilombola de 5ª a 8ª série;
- Instalação de Telefones públicos;
- Organização dos Clubes de Mães;
- Transporte coletivo até a comunidade de Adelaide;
- Participação das Comunidades na Federação das Comunidades Quilombolas do Paraná – FECOQUI;
- Unificação da luta com outros povos e comunidades tradicionais formando a Rede Puxirão;



Participantes da oficina revisão dos croquis e produção de legendas



Croqui da delimitação do território reivindicado com a divisão dos núcleos familiares, hoje conhecido como Castorina, Maria da Conceição e Tobias

Comunidade Quilombola do Rocio: Adelaide Maria Trindade Batista, Castorina Maria da Conceição e Tobias Ferreira

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - Laboratório de Guarapuava

Série Quilombolas do Sul do Brasil

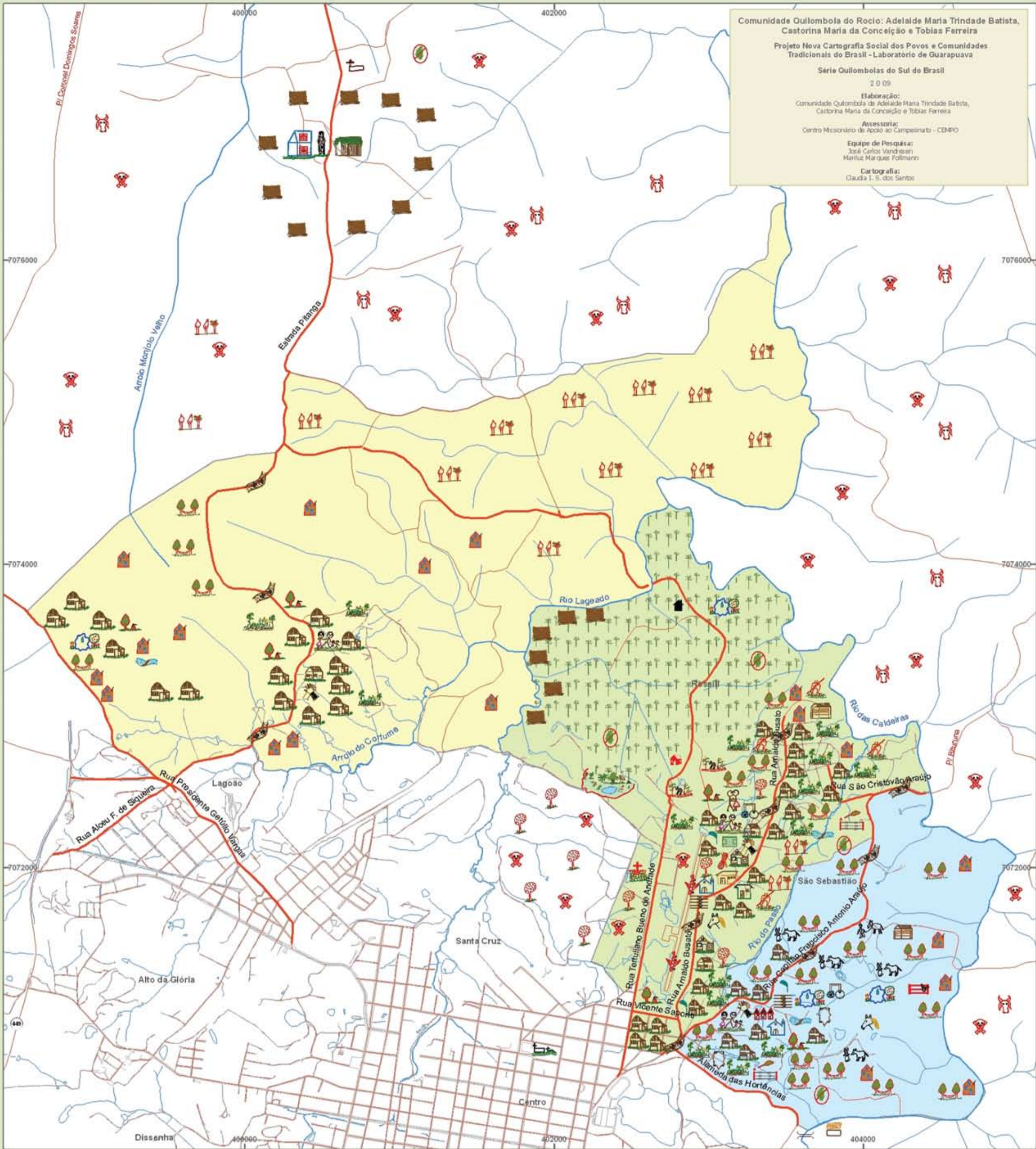
2009

Elaboração:
Comunidade Quilombola de Adelaide Maria Trindade Batista, Castorina Maria da Conceição e Tobias Ferreira

Assessoria:
Centro Missionário de Apoio ao Campesinato - CEMPO

Equipe de Pesquisa:
José Carlos Vandresen
Maniuz Marques Follmann

Cartografia:
Claudia L. S. dos Santos



Situações e Conflitos Comunidades Quilombolas de Palmas

Ocupação e Uso do Território Quilombola

- Núcleo Casa de Descendentes Quilombolas
- Escola Municipal
- Educação Infantil - Creche
- Colégio Estadual Quilombola
- Posto de Saúde
- Igreja
- Associação de Moradores
- Associação Quilombola
- Clube de Mães
- Ochos e Água de São João Maria
- Roças de Subsistência
- Clube da Terceira Idade
- Cemitério Municipal
- Quadra de Esporte
- Tapera
- Telefone Público

Memória Histórica

- Monjolo
- Curtume
- Sercala
- Tronco
- Olaria
- Taipá
- Local de Lavar Roupa
- Antigo Cemitério de Negros
- Caminho dos Tropeiros
- Trincheira
- Raia
- Cerca de Varejão
- Casa Grande
- Ponte Velha
- Sítio do Tropeiro
- Área de Caça

Ameaça aos Direitos Coletivos

- Desmatamento
- Plantação de Pinus e Eucaliptos
- Pomar de Maçã
- Impedimento de Acesso ao Ocho D'água São João Maria
- Impedimento de Acesso a Lenha
- Impedimento de Acesso a Plantas Mediciniais
- Matança de Animal
- Uso Iniscriminado de Agrotóxico
- Destruição de Roças por Animais Soltos na Comunidade

Ocupação de Não Descendentes de Quilombolas

- Núcleo Casa de não Descendentes Quilombolas
- Chacareiro
- Ocupação de Kaingang
- IAPAR
- Fazenda
- Projeto Carrinho Cidadão
- Cemitério Particular
- Aeroporto

Comunidade Quilombola do Rocio

- Adelaide Maria Trindade Batista
- Castorina Maria da Conceição
- Tobias Ferreira
- Arruamento
- Malha Viária
- Hidrografia
- Rodovia
- Parque Estadual de Palmas

0 200 0 400 Metros

Fotões:
PNC/SCTB (Diários de Mapeamento realizados nos dias 20 de setembro de 2008, 05 e 06 de dezembro de 2008, 26 de setembro de 2009 e 03 de novembro de 2009)

Prefeitura Municipal de Palmas (Planta dos Bares e Localização das Ruas - Cidade de Palmas, escala 1:10.000)

IBGE (Mapamento Estatístico, escala 1:50.000)

SETR-GER (Malha Viária)

SEMA (Serviço Público-administrativo)

SEMA (Hidrografia)

Levantamento de campo

MAP (Instituto de Cartografia da Prefeitura)

BOE (Malha Estrada Digital)



...Rocio, por que tinha o Rocio dos Batista, daí eles misturaram lá, daí Batista era do lado da minha avó Adelaide né, daí já veio o da vó Julia que era Maria Julia da Conceição não sei o que lá, daí já casou com o Batista, daí a minha bisavó pois lá Rocio dos Batista. Antes essas três comunidades era Rocio do Batista, Rocio dos Lima e daí Rocio dos Fortunatos. Quando eu nasci já era essa divisão, e hoje é Tobias, Adelaide e Casturina. **Maria Trindade Batista, 75 anos**

Nós sobrevivia da roça, lavava roupa pra fora, ... tudo era coletivo



Carroça usada para puxar roupas lavadas por Nair Fortunato

Nós sobrevivia da roça, lavava roupa pra fora, minha mãe me criou lavando roupa pra fora, fazia banquete pros fazendeiro, com 7 anos eu já torrava café... Antigamente a gente trabalhava na lavoura e tirava de lá o sustento, lá tinha pessoa que tinha criação, outro que não tinha, então como nós tinha sempre, tinha umas vaquinhas, uns cavalinhos, tinha porco, nós plantava arroz, plantava trigo, lá naquele lado da comadre, lá pro lado de baixo, então ali nós plantava... batatinha era nós que plantava, era da onde nós tirava o sustento, e trabalhava na casa dos ricos da cidade, pros fazendeiro, pra viver. Trabalhava de lavar roupa, limpar o chão, torrava café no colégio que era antes, fazia bolo de polvilho pra fora. Na casa, a minha vó remendava roupa de colégio, roupa de cama, quando rasgava no meio ela mudava as ponta, então a gente vivia daquilo ali. Cortava lenha, meu avô vendia na carrocinha. Nós pegava roupa pra lavar e lavava no riozinho ali pra baixo da comadre Arlete, era um riozinho assim sabe... era tipo de um banhado eles fizeram uns buraco, diziam riozinho que a gente lavava roupa, então daí a água corria lá pra baixo, pra lá naquele capão, eu me criei lavando roupa ali." **Maria Trindade Batista, 75 anos**

Aqui antigamente, dava pra contá os morador que existia, só mato tudo vida, era mato que podia ter tudo, a criação do jeito que quisesse, a vontade, sair pra tudo a parte, não tinha divisa de ninguém. Então era tudo liberado, podia criar o que quisesse, de gado, animal, tudo que era tipo, pinhar tudo, pra tratá bem com porco essas coisa tudo, existia muito... É maior da cultura era a lavoura, então plantava de tudo, tinha lavoura, tinha mais envolvimento de vida, nós tinha um tempo ali, que nós tinha ali mais ou menos umas dezoito cabeça de animal, bastante vaca de leite, tinha bastante criação. E nós viajava sempre, viajava com finado pai de carrocinha fazer frete, de lá dos interior pra trazer pro centro, porque como eu falo sempre... aqui nós consideramos ainda estrada, por essa estrada aqui..., era ali no interior, do interior ali que vinha as tropa de cargueiro. A estrada antiga, essa vinha do interior, essa aí trazia o movimento pra cidade, então de lá vinha tudo que é coisa, tudo a alimentação vinha dali, então nós vivia fazendo frete, levando alimentação pras fazenda, pra tudo as parte de carroça, porque não existia caminhão, não existia nada, era só na carroça. Eu acho que hoje, como eu digo a vida está mais, eu acho que a vida velha está mais libertada, porque nos tempo nosso de piazzada, existia um tio que morava, Carmão Matos Costa, que hoje dizem seu João dos pobre, nós ia de carrocinha daqui lá, aí nós ia... porque tinha... existia as tropa de porco, tropa de gado, ia de a pé daqui no Porto, não existia condução pra ir, daí nós demorava 3 dia, pra chegá onde morava os tio, ia de carrocinha, bebendo água das parada de porco, porque não tinha outra aguada pra fazer a cestiva, então era muito mais divertido a vida, então hoje já é tudo mais moderno, tudo... mais eu acho que no tempo velho era melhor, porque se pegava três quatro bolsa de pinhão e dava um rancho pra um mês um mês e pouco, e hoje já não tem isso, hoje o pinhão se dá é pro consumo... As nossas casas era coberta de tabuinha, chão

batido, a finada minha vó plantava desde perto da casa até que conseguisse terreiro, até que terminasse ali tava a plantação dela e as criação ali por perto. Então é uma história muito comprida que a gente conta sempre... A maioria da nossa mercadoria vinha tudo por cargueiro, tropa de mula carregado de alimentação, vinha o monjolo, o biju vinha tudo as coisa, então a gente quando escutava a cincerada das tropa ia no mercado vê o que tinha. **Waldomiro Fortunato Nunes, 74 anos**



Pilão usado pela comunidade para socar canjica, quirera, café, erva, descascar arroz, fazer paçoca de charque, etc

O símbolo dela representa o uso da terra o verde representa as natureza que todos os quilombolas já vem de berço e vai passando, é preservá a natureza então os quilombolas rezavam pros deuses da natureza que na África na religião deles, eles adoravam os deuses da natureza que era o Deus da fartura o Deus da água então o verde tá representando a natureza e a terra é o que a gente busca o que perdeu e hoje tá buscando a água também, é a vida, a água da a vida a todos e é da natureza também as pedras também representa as dificuldades, o que a mão do escravo construiu né, as taipas, todas as fazendas de Palmas aí construídas pelas pedras e o suor e o sangue dos escravos. **Maria Arlete Ferreira da Silva, 65 anos**

O carnaval era feito por nós

Nós fazia bloco de carnaval reunia dez, doze moça, de três a quatro dias, eu fui até rainha de carnaval, o carnaval era feito por nós, a gente dançava se divertia, música tinha a camélia... Os pai da gente não deixava casar com branco, dizia que não dava certo, de repente dava não sei? Mas eles diziam que era pra não misturar pra não acabar com a raça, tinha que continuar. Eles casavam entre parentes, primo com primo. Nas festas de São João, Santo Antonio, que os primos se encontravam e combinavam pra casar." **Maria Trindade Batista, 75 anos**

As bandinhas tocavam nas festas e no clube Tupinambá que era dos próprios quilombos, faziam dança de São Gonçalo. **Hermínio Nunes Fortunato, 53 anos**

Foram tirando os negros, um vinha e comprava, na verdade não comprava pegava e iam entrando

Quando foi começado a organizar as comunidades tinha várias famílias, tanto aqui como pra lá, sempre teve bastante gente, bem mais do que agora, a comunidade foi perdendo o território por que uns foram falecendo e os filhos foram ficando e foram deixando os terrenos, teve ali, que nem da minha vó que tinha um bom pedaço de terra, eles deixaram, ninguém pagava imposto, que antes era trabalhado na estrada pra pagar, eles roçavam a estrada, ponhavam terra com o carrinho de mão para as rua, pra gente andá, e depois pararam, por que foi mudando os jeito. De documento da terra, nós tinha uma carta de data que era uns papel que eles davam na prefeitura, antes nós não tinha nenhum documento, era tudo livre cada um chegava pegava o pedaço que queria, mas era combinado com a comunidade, eles diziam tal dia nós vamos lá em tal lugar, vamos separá, mas não separavam iam lá só olhavam, e cada um era dono, só que isso entre a comunidade, se chegasse qualquer um de fora não pegava, agora pega, mas antes não pegava, antes era só entre os negros, e a prefeitura foi tirando as terra de nós, daí cada um foi vindo. Eles foram empurrando, daí tirando os negros, um fazendeiro vinha de um lugar comprava de um lugar, na verdade não comprava pegava e iam entrando, diziam assim vocês ficam aí nesse canti-

nho quando vocês precisarem vocês vão lá, mas ia lá não era, deixavam a gente de escravo não davam nada ou as vezes davam alguma coisinha. O maior problema foi por que a prefeitura começou a invadir, e daí os ricos começavam a entrar. Antigamente por um lado nossa vida era melhor, por que não tinha o que tem agora, a gente vivia tranqüilo podia dormir com a porta aberta, a minha avó Adelaide não fechava a casa pra dormir, por que ela ficava até tarde desfiando lã que ela fazia colchoado, e fazia sabão, era sabão de cinza que ela fazia, daí ela ficava até tarde, dormia e a casa ficava aberta, então era bom na casa da minha vó, que eu me criei, nós não usava fechar a casa por que não tinha perigo, a gente saía ia pra onde queria deixava a casa aberta, voltava, vinha pra esse lado, os daqui iam pra lá e não acontecia nada. O Rocio era uma comunidade muito boa tanto a daqui como a do lado de lá. Tinha bastante família de negro, mais parente também.

Maria Trindade Batista, 75 anos

Mais isso aí foi acabando porque foi chegando o pessoal de fora, foram invadindo e foram tomando conta, que nem aqui nós tinha, pouco tempo, uma área muito boa também ali de mato, mais ou menos um alqueire e pouco, e daí veio o chefe da prefeitura ali e vendeu a área e tivemos que entregar. Então nós nem sabia, tava cuidando do terreno, porque a gente nunca procurou, devasta o terreno, cuida, planta e zela, daí chegaram e invadiram e tivemos que ficar quieto ... porque dinheiro a gente não tem pra questiona né .. e daí hoje como eu digo pra sempre, to falando, estamos quase sem nada, nosso pedacinho é esse aqui e... temos mais uns pedaço aí que está tudo fechado, sabemos que é nosso, que não foi vendido, mas... invadi lá também não podemos... Então estamos no aperto. **Waldomiro Fortunato Nunes, 74 anos**

A gente trabalhava na roça também, não tinha como tem agora, ninguém incomodava ninguém, a gente caminhava de noite não tinha perigo."

Maria Trindade Batista, 75 anos

Agora a maioria já tão respeitando, já conhecem, já sabem que tem uma família quilombola em tal lugar, e tem outra família quilombola em outro tal lugar assim, só que é como eu digo, nós não, não desobedecemos a lei, invadir o que é alheio, não invadimos nada, cada um cuida de seu pedacinho, até ver como se aumenta ou fica naquilo. Nós queremos... nossa idéia é aumenta, esperamos que Deus ajude que dê certo, recuperar o que já era nosso, porque hoje o senhor vê muitas coisa mas não pode fazer nada. **Maria Aparecida Souza Santos, 64 anos**



Seu Joarez Ferreira junto ao Olho d'água de São João Maria, preservado dentro da comunidade



Família de Tobias Ferreira em frente a casa coberta por tabuinha comunidade



Parte do território sendo usado por chacareiros para monocultivos de maçã, reflorestamento de pinus e eucalipto

A história da nossa comunidade já estava esquecida e através da cartografia nós fomos então delimitando aonde que os negros viviam

Através de cada encontro nós fomos revivendo a nossa história né, cada um dos mais velhos foi contando sobre a história e fomos formando a história da nossa comunidade que já tava esquecida né, a história da nossa comunidade já estava esquecida e do nosso território também e através da cartografia nós fomos então delimitando aonde que os negros viviam, aonde que faziam suas casas e, é muito importante pra gente saber qual que é o nosso território quilombola. Nós vamo em busca de saber né, o que a gente vai aprendendo em cada encontro desses a gente tem, agora a gente aprendeu ter acesso, como que a gente chega na Emater, já está conhecido, como chega no Incra né, então a sabedoria pra nós é uma riqueza, pessoas que pensava que nunca iam conversá com um secretário de um órgão de governo né; aprendemos como que chegamos até esses órgãos de governo através desses encontros, então, vários avanços assim já ta... como sementeira né, que a Emater eles mandam as semente, o milho, o feijão; e a união com as outras comunidades que são trinta e oito comunidades quilombolas né, no Estado do Paraná que já ta né, certificada, então, a união com essas outras pessoas e com a rede da diversidade, com vocês que são da cartografia também né, a amizade a gente agradeçê muito o que vocês fazem pelas comunidades também, é isso... Agora a gente aprendeu a ir em busca desses direitos nossos como eu falei né, e nunca desisti, sempre cada vez mais se reforça e busca, que nem as políticas públicas como diz o Alcione é poucas né mais aos pouquinho a gente vai conquistando porque vai lutando, vai buscando né. **Maria Arlete Ferreira da Silva, 65 anos**



Dona Maria Arlete liderança quilombola fazendo a apresentação do croqui

É um meio de reforçar a luta né, vem só dar mais incentivo pra nós continuarmos lutando pelo que é nosso né, resgatando principalmente o nosso território, a nossa cultura, então, eu acho que a cartografia não só pra nossa comunidade como pra todas as comunidades do estado do Paraná que é quilombola, vai ser de grande avanço. **Alcione Ferreira da Silva, 48 anos**

Eu vejo na cartografia importante... nós ter demarcado o nosso território quilombola aonde nós podemos usar pra nós buscá remédios, lenha, é aonde nós podemos anda livremente né, então, tendo demarcado nós temo um arbítrio livre de anda nesse território, eu vejo que cartografia é importante pra isso também. **Hermínio Nunes Fortunato, 54 anos**

A importância do mapa quer dizer que aquele território nós temos direitos, os direitos que as leis nos dão, os direitos de adquirir aquele terreno, porque nós tinha perdido e nós tamo desenterrando esses talento dos antigos, os antepassados né e hoje nós podemos saber, ter certeza, por nós ver esse trabalho tão bem feito das pessoa que tem se introzado junto, trabalhado com esforço, com dedicação, então, nós tamo aqui vendo os fruto já começando, dando uma vitória pra nós, através desse mapa nós vamo ter certeza que nós vamo adquirir esse terreno novamente. **Neide Aparecida Nunes Ferreira, 60 anos**

CONTATOS

Associação Quilombola Adelaide Maria Trindade Batista
telefone 46. 3262-6499 46. 8808-3344

Associação Quilombola Castorina Maria da Conceição
telefone 46. 3262-7162

Associação Quilombola Tobias Ferreira
telefone 46. 8802-9908

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

SÉRIE QUILOMBOLAS DO SUL DO BRASIL

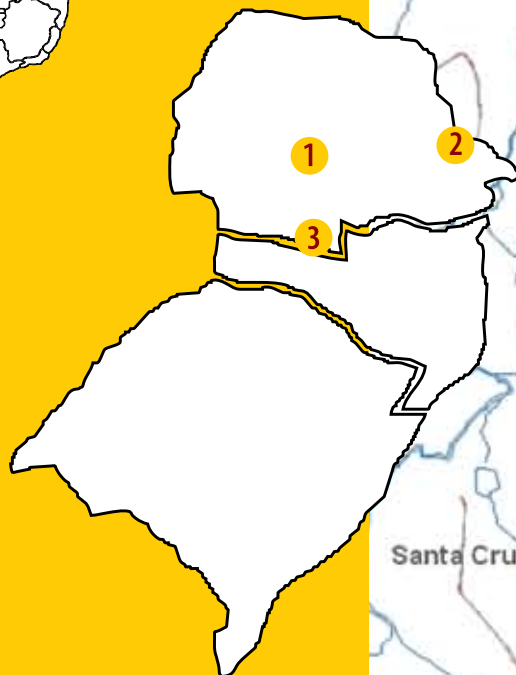
- 1 Comunidade Quilombola Invernada
Paíol de Telha Fundão**
- 2 Comunidade Quilombola
João Surá**
- 3 Comunidade Quilombola do Rocío:
Adelaide Maria Trindade Batista,
Castorina Maria da Conceição
e Tobias Ferreira**

REALIZAÇÃO

Associação Quilombola
Adelaide Maria Trindade Batista
Associação Quilombola
Castorina Maria da Conceição
Associação Quilombola Tobias Ferreira

APOIO

PPGDA-UEA
PPGSCA-UFAM



Santa Cruz